

ASPECTOS DO AMBIENTE DE ENSINO NO DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS ALIMENTARES EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Natália Ribeiro Lemos dos Santos¹; Lavínia de Freitas Melo²; Teresa Larissa Furtado Martins³; Meysa Pereira Oliveira⁴; Daniela Vieira de Souza⁵

¹Discente - Centro Universitário Fametro: natalia.santos02@aluno.unifametro.edu.br

²Discente - Centro Universitário Fametro: lavinia.melo@aluno.unifametro.edu.br

³Discente - Centro Universitário Fametro: teresa.martins@aluno.unifametro.edu.br

⁴Discente - Centro Universitário Fametro: meysa.oliveira@aluno.unifametro.edu.br

⁵Docente - Centro Universitário Fametro: daniela.vieira@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Alimentos, Nutrição e Saúde.

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde.

Encontro Científico: XII Encontro de Iniciação à Pesquisa.

RESUMO

Introdução: Os transtornos alimentares (TAs) são condições psiquiátricas graves que comprometem a saúde física e mental, com maior incidência em adolescentes, especialmente no sexo feminino, em razão da insatisfação corporal e de fatores socioculturais. A escola, espaço central de socialização, pode atuar tanto como fator de proteção quanto de risco.

Objetivo: Analisar, por meio de revisão de literatura, a influência dos ambientes escolares no desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes. **Métodos:** Realizou-se revisão integrativa nas bases BVS e PubMed, em setembro de 2025, utilizando os descritores *eating disorders*, *school* e *adolescent*. Foram incluídos artigos publicados entre 2020 e 2025, em português, inglês e espanhol. Seis estudos atenderam aos critérios de inclusão. **Resultados:** Os achados evidenciam três eixos principais de risco no ambiente escolar: (1) vitimização por bullying, incluindo modalidades digitais; (2) circulação e internalização de normas socioculturais de aparência; (3) organização das práticas corporais e alimentares escolares, como esportes e educação nutricional. Esses fatores contribuem para a insatisfação corporal e adoção de práticas alimentares desordenadas, como restrição, compulsão ou ortorexia. **Considerações finais:** O ambiente escolar exerce papel determinante no risco de TAs em adolescentes. Intervenções eficazes devem incluir prevenção ao bullying, letramento midiático e abordagens de educação alimentar não moralizantes.

Palavras-chave: Transtornos da Alimentação; Adolescente; Escola.

INTRODUÇÃO

Os transtornos alimentares (TAs) se caracterizam como condições psiquiátricas que atuam alterando o comportamento alimentar, o consumo e a absorção de alimentos. Dentre o público com maior risco para o desenvolvimento dos TAs como a anorexia e bulimia nervosas destaca-se os adolescentes, ou seja, jovens na faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

Os TAs demandam rápido diagnóstico e tratamento, para prevenção de agravos como alterações psiquiátricas e suicídio (Brasil, 2022).

A adolescência é um período de intensas transformações físicas, psicológicas e sociais, no qual a escola assume papel central na construção da identidade, no desenvolvimento da autoestima e na formação de vínculos interpessoais. Esse espaço, pode ser tanto protetor quanto vulnerabilizador (Longakit, 2023).

Assim, o ambiente escolar pode funcionar como um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares, em grande parte devido ao efeito de comparação social. Evidencia-se que adolescentes inseridos em contextos com uma maior concentração de colegas de baixo peso tendem a relatar níveis mais altos de insatisfação corporal. Nesse cenário, estudantes que se percebem fora desse padrão podem apresentar maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de transtornos alimentares (Bould *et al.*, 2016).

Além disso, a pressão social e as dinâmicas escolares de desempenho e pertencimento também podem influenciar o surgimento de comportamentos alimentares desordenados. Tais práticas tendem a ser modeladas socialmente, na medida em que adolescentes observam e reproduzem condutas de colegas que apresentam sintomas de transtornos alimentares, reforçando a busca por padrões corporais intangíveis e o uso de dietas restritivas (Bould *et al.*, 2016).

Portanto, o objetivo da presente revisão de literatura foi analisar a influência do ambiente escolar sobre o desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes, considerando como tais contextos podem atuar como fatores de risco para a manifestação de comportamentos alimentares desordenados.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, iniciada diante da pergunta norteadora: “Quais aspectos do ambiente de ensino podem atuar como fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes?”. A busca se deu a partir das bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Public Library of Medicine (PubMed), no mês de setembro de 2025.

Para a busca dos estudos foram utilizadas as seguintes combinações dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Eating disorders (transtornos alimentares), school (escola) e adolescent (adolescente). Para tanto, empregou-se o conectivo aditivo “e” (em português) e “and” (em inglês).

Foram incluídas as publicações limitadas aos anos de 2020 a 2025, disponíveis nos idiomas português, inglês e espanhol, que associavam fatores do ambiente de ensino ao desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes, de ambos os sexos, e que apresentavam resultados empíricos. Foram excluídos estudos divulgados via monografia, trabalho de conclusão de curso, dissertação, tese, capítulo de livro, editorial, carta, relatórios de pesquisas científicas e revisões.

Obteve-se 726 estudos a partir da busca inicial nas bases de dados. Diante dos achados, foi realizada a análise por meio da leitura dos títulos, descartando os artigos que abordavam temas diferentes ou estavam duplicados. Na sequência, os 30 estudos foram elegidos para leitura de resumos, e eliminados aqueles que não focaram no objetivo da pesquisa. Por fim, 6 estudos estavam qualificados para a leitura integral, sendo estes selecionados para compor a presente revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados seis artigos que investigaram, sob diferentes recortes metodológicos e contextuais, como elementos do ambiente escolar se associam ao risco de comportamentos disfuncionais relacionados à alimentação e imagem corporal, além de transtornos alimentares em adolescentes. As amostras variaram de turmas do ensino médio (≈ 500 participantes) a levantamentos com 1.750 alunos de escolas secundárias, com predomínio do sexo feminino. Os instrumentos padronizados utilizados para triagem e/ou psicometria foram o Eating Attitudes Test – 26 itens (EAT-26), o Sociocultural Attitudes Toward Appearance Questionnaire – 4th edition (SATAQ-4) e o Eating Disorder Examination – Questionnaire (EDE-Q).

À luz desses achados, três eixos do cotidiano escolar são apontados como determinantes de risco: (1) o clima relacional entre pares, especialmente a vitimização por bullying e suas variantes digitais; (2) a circulação de normas socioculturais de aparência e o grau de internalização desses ideais na escola; e (3) a organização de práticas e rotinas escolares relacionadas ao corpo (educação física, esportes, regras alimentares e transições escolares). (Galvão *et al.*, 2023; Xie *et al.*, 2024; Almutairi *et al.*, 2023; D’Anna *et al.*, 2023; Kotwas *et al.*, 2020; Kozik; Całyniuk, 2024).

No eixo relacional, o bullying figura como fator de risco. Em análise longitudinal no Brasil, a vitimização precedeu aumento de insatisfação corporal e comportamentos de risco como restrição/jejum, omissão de refeições, compulsão, purgação, uso de laxantes/diuréticos/pílulas, exercício compensatório, obsessão com calorias/peso e checagem

corporal — mesmo após controle de covariáveis, indicando efeito do ambiente escolar (Galvão *et al.*, 2023). Na prática, humilhações e comparações sociais em corredores, salas e grupos de mensagens funcionam como gatilhos para tais comportamentos (Galvão *et al.*, 2023).

Em triangulação, estudo com jovens chineses (16–19 anos) mostrou que diferentes formas de vitimização, inclusive digitais, associam-se a maior risco de sintomas de transtornos alimentares; parte do efeito é mediado por insatisfação corporal e varia por gênero (Xie *et al.*, 2024). Embora a faixa etária seja um pouco mais alta, os mecanismos de comparação de aparência, vergonha e regulação alimentar disfuncional são aplicáveis ao cotidiano escolar, ajudando a explicar a persistência do problema em contextos diversos (Xie *et al.*, 2024; Galvão *et al.*, 2023; Almutairi *et al.*, 2023).

O segundo eixo trata das normas de aparência que circulam e são reiteradas na escola. Em estudantes do sexo feminino de Jidá, observou-se alta prevalência de risco de transtornos alimentares no EAT-26 e associação entre influências de família, pares e mídia (SATAQ-4) e indicadores de risco (Almutairi *et al.*, 2023). O ponto chave não é apenas a presença dessas influências, mas sua ativação cotidiana: mensagens familiares ganham eco ou resistência na sala, normas são comparadas e performadas no recreio, e conteúdos midiáticos circulam em tempo real, ampliando a vigilância corporal e a internalização de ideais de magreza/hiperdefinição. Isso aumenta a probabilidade de dietas rígidas, condutas compensatórias e obsessão corporal em busca de pertencimento e status (Almutairi *et al.*, 2023; Xie *et al.*, 2024).

O terceiro eixo envolve a organização das práticas corporais. Entre estudantes do ensino médio, a associação varia por sexo: rapazes inativos apresentam piores escores de imagem corporal e psicopatologia de peso/forma; a participação em esportes, sobretudo coletivos, relaciona-se a menor desconforto com a aparência. Entre meninas, diferenças por tipo/duração do esporte são menos evidentes, sugerindo maior influência de pressões estéticas e perfeccionismo (D'Anna *et al.*, 2023). Programas que valorizam cooperação e pertencimento, e não estética/performance, tendem a ser protetores para meninos; para meninas, têm mais impacto quando associados a letramento crítico de imagem corporal (D'Anna *et al.*, 2023).

Além desses eixos, a estrutura do percurso escolar também modula o risco. Em Szczecin, alunas do início do ensino médio apresentaram maior vulnerabilidade, indicando que transições escolares intensificam comparações e pressões; focar ações universais nesses

momentos pode ser custo-efetivo (Kotwas *et al.*, 2020). Outro ponto sensível é a ortorexia nervosa (ON): entre estudantes, maior risco de ON associou-se a exclusões rígidas de grupos alimentares (ex.: ultraprocessados), com destaque para vegetarianos. Isso reforça que a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) deve priorizar equilíbrio, flexibilidade e prazer, evitando narrativas binárias que favorecem perfeccionismo e culpa, sob risco de transformar o “saúdável” em rigidez patogênica (Kozik; Całyniuk, 2024).

No ambiente escolar, percebe-se um padrão consistente de risco. No Brasil, comportamentos como compulsão, temor de engordar, purgação e obsessão com o corpo aparecem com frequência e acompanham insatisfação ou distorção da imagem (Santos *et al.*, 2020). Na Europa, o risco também é desigual: entre 12–19 anos, meninas e os mais jovens apresentam maior vulnerabilidade (Gjini *et al.*, 2024). A sobreposição com sintomas depressivos ajuda a explicar por que esses quadros impactam o cotidiano escolar e exigem respostas integradas (Alrahili *et al.*, 2024). Esse conjunto sustenta a tese central: a escola é um ecossistema onde relações entre pares, normas de aparência e rotinas institucionais modulam, para mais ou para menos, a transição da comparação social à regulação alimentar disfuncional (Galvão *et al.*, 2023; Xie *et al.*, 2024; Almutairi *et al.*, 2023; D’Anna *et al.*, 2023; Kotwas *et al.*, 2020; Kozik; Całyniuk, 2024).

Sob a perspectiva da saúde pública escolar, as prioridades são claras. Políticas anti-bullying com componente digital, canais de denúncia/acolhimento e práticas restaurativas atuam como redutores da comparação social que alimenta a insatisfação corporal (Galvão *et al.*, 2023; Xie *et al.*, 2024). Em paralelo, currículos de letramento midiático e de imagem corporal devem mitigar a internalização de ideais inatingíveis e treinar estratégias de enfrentamento, especialmente em escolas com uso intenso de mídias (Almutairi *et al.*, 2023; Xie *et al.*, 2024).

Na EAN, a diretriz é abandonar abordagens punitivas e centradas no peso, adotando competência alimentar, escuta da fome/saciedade, inclusão e prazer. Conteúdos neutros em relação ao peso e livres de vigilância corporal evitam rigidez e exclusões que, em adolescentes, se aproximam do espectro ortoréxico (Kozik; Całyniuk, 2024; Almutairi *et al.*, 2023). A educação física e os projetos esportivos devem valorizar cooperação, pertencimento e bem-estar. As transições escolares pedem picos planejados de apoio psicossocial e ações universais (D’Anna *et al.*, 2023; Kotwas *et al.*, 2020).

Em síntese, o risco de transtornos alimentares na escola resulta da interação entre violência entre pares, normas de aparência e a forma como a instituição organiza suas práticas

corporais e alimentares. Respostas eficazes combinam ações anti-bullying robustas, currículos críticos de mídia/imagem e EAN não moralizante, neutra em relação ao peso (Galvão *et al.*, 2023; Almutairi *et al.*, 2023; D'Anna *et al.*, 2023; Kotwas *et al.*, 2020; Kozik; Całyniuk, 2024; Xie *et al.*, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto, evidencia-se que o ambiente escolar contribui de forma relevante e significativa para o aumento do risco de transtornos alimentares em adolescentes. Os diversos mecanismos presentes neste contexto elevam consideravelmente os níveis de insatisfação corporal e, conseqüentemente, desencadeiam estratégias potencialmente nocivas de regulação alimentar que colocam os jovens em situação de vulnerabilidade. As evidências científicas convergem internacionalmente sobre esta problemática, demonstrando padrões semelhantes em diferentes culturas e sistemas educacionais, mas apresentam limitações importantes decorrentes do reduzido número de estudos disponíveis, da heterogeneidade metodológica entre as pesquisas existentes e da predominância de amostras compostas majoritariamente por participantes do sexo feminino.

Neste cenário, torna-se imprescindível ampliar o escopo e a quantidade de pesquisas longitudinais sobre o tema, estabelecer critérios rigorosos para avaliar a qualidade metodológica dos estudos futuros, e desenvolver e testar intervenções escolares integradas e multifacetadas que combinem efetivamente estratégias de prevenção ao bullying, programas de letramento midiático para interpretação crítica de conteúdos relacionados à imagem corporal, e iniciativas de educação alimentar baseadas em abordagens não-punitivas e acolhedoras.

REFERÊNCIAS

ALMUTAIRI, R; ARIFFIN, A.A.; MAHMUD, A.; DABLOOL, A. S. Eating Disorders among Adolescent Female Students in Jeddah, Saudi Arabia. **Malaysian Journal of Medical Sciences**, Malásia, v. 30, n. 1, p. 185–197, 2023.

BOULD, H.; DE STAVOLA, B.; MAGNUSSON, C.; MICALI, N.; DAL, H.; EVANS, J.; DALMAN, C.; LEWIS, G. A influência da escola no desenvolvimento de transtornos alimentares em meninas. **International Journal of Epidemiology**, Reino Unido, v. 45, n. 2, p. 480–488, 2016.

BRASIL: Ministério da Saúde. **Mais de 70 milhões de pessoas no mundo possuem algum distúrbio alimentar**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/mais-de-70-milhoes-de-pessoas-no-mundo-possuem-algum-disturbio-alimentar..> Acesso em 28 set 2025.

D'ANNA, G. *et al.* The association between sport type and eating/body image concerns in high school students: a cross-sectional observational study. **Eat Weight Disord**, v. 28, n. 1, p. 43–43, 2023.

GALVÃO, P. P. O.; VALENTE, J. Y.; COGO-MOREIRA, H.; MARI, J. J.; SANCHEZ, Z. M. Bullying as a Risk Factor for Eating Disorder Behaviors Among Students: Secondary Analysis for a Cluster Randomized Controlled Trial. **Child Psychiatry & Human Development**, v. 54, n. 5, p. 1404-1414, 24 mar. 2022.

KOTWAS, A.; KARAKIEWICZ-KRAWCZYK, K.; ZABIELSKA, P.; JURCZAK, A.; BAZYDLO, M; KARAKIEWICZ, B. The incidence of eating disorders among upper secondary school female students. **Psychiatria Polska**, v. 54, n. 2, p. 253–263, 2020.

KOZIK, K.; CAŁYNIUK, B. Selected eating behaviors and the risk of orthorexia nervosa in a group of high school students. **Roczniki Panstwowego Zakladu Higieny**, v. 75, n. 3, p. 247–254, 2024.

PINNA, F. *et al.* Food and Alcohol Disturbance in High School Adolescents: Prevalence, Characteristics and Association with Problem Drinking and Eating Disorders. **International Journal of Environmental Research and Public Health**: v. 21, n. 1, p. 83. 2024.

ROAN GOLEZ LONGAKIT,-MD. Assessment on the body image and eating behaviors among senior high school students at Colegio De Santa Catalina De Alejandria, Dumaguete City. **The Filipino Family Physician**, v. 61, n. 1, p. 2–8, 2023.

XIE, L.; DA, Q.; CHEN, Y.; CHEN, Y.; WU, F.; LI, L. Association between school bullying type and the risk of eating disorders among Chinese college students: the mediating role of body dissatisfaction. **BMC psychology**, v. 12, n. 1, p. 701, 2024.

SANTOS, S. C. de S.; MACIEL, J. F.; FAGUNDES, A. A.; BARBOSA, K. B. F. Comportamentos de risco para transtornos alimentares em adolescentes de um colégio público. **Mundo da Saúde**, v. 44, p. 229–237, e1592019, 2020.

GJINI, E.; TERZONI, S.; CARELLI, L.; et al. Early identification of risk for eating disorders in Italian secondary school students: a cross-sectional study. **Rivista di Psichiatria**, v. 59, p. 13–19, 2024.

ALRAHILI, N.; ALGHAMDI, R. A.; ALQASEM, A. A.; et al. Prevalence of Eating Disorders and Comorbidity With Depression Among Adolescents in Saudi Arabia: A Cross-Sectional Study. **Cureus**, v. 16, n. 2, e54366, 2024.